



DES-PENSANDO O MODERNISMO BRASILEIRO A PARTIR DE SILVIANO SANTIAGO: UMA TEORIZAÇÃO DESCOLONIAL

Pedro Henrique Alves de Medeiros¹

Edgar César Nolasco²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo propor uma leitura de perspectiva decolonial do modernismo brasileiro simbolizado pela Semana de Arte Moderna ocorrida em 1922. Para isso, tendo em vista que a presente discussão está circunscrita pelo projeto maior de tese atravessado pela presença do escritor e crítico Silviano Santiago, utilizarei como ponto de partida tanto ensaios do referido intelectual quanto os conceitos de des-pensar de Boaventura de Sousa Santos e das opções decoloniais de Walter Mignolo. Nesse intento, compreendo que a premissa basilar das reflexões pode ser entendida através do que Mignolo (2008) conclamou de aprender a desaprender para re-aprender muito do que aprendemos e, sobretudo, o que nos ensinaram sobre como aprender, aqui, em especial, no que se refere ao modernismo.

Palavras-chave: modernismo brasileiro; teorização decolonial; Silviano Santiago.

UN-THINKING BRAZILIAN MODERNISM FROM SILVIANO SANTIAGO: A DECOLONIAL THEORIZATION

Abstract: *This work aims to propose a decolonial perspective reading of Brazilian modernism symbolized by the Modern Art Week that took place in 1922. For this, considering that the present discussion is circumscribed by the larger thesis project crossed by the presence of the writer and critic Silviano Santiago, I will use as a starting point both the essays of the aforementioned intellectual and the concepts of de-thinking by Boaventura de Sousa Santos and of Walter Mignolo's decolonial options. In this attempt, I understand that the basic premise of the reflections can be understood through what Mignolo (2008) called for to learn to unlearn to re-learn much of what we learn and, above all, what we were taught about how to learn, here, in particular, related to modernism.*

Keywords: *Brazilian modernism; decolonial theorization; Silviano Santiago.*

¹ Doutorando - PPGEL/FAALC/UFMS; Bolsista CAPES. Membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC) e Presidente da Comissão Organizadora dos Cadernos de Estudos Culturais. ORCID: 0000-0001-5872-1626.

² Doutor em Literatura Comparada – UFMG. Pós-doutorado em Cultura - UFRJ, docente PPGEL/FAALC/UFMS. Coordenador do NECC - CNPq/UFMS. ORCID: 0000-0002-8180-585X.

Se o movimento modernista enquanto 'força fatal', para retomar a expressão de Mário, era um fogo que ardia, *agora o modernismo é um fogo que esquentava a panela*. (SANTIAGO, 2002a, p. 97, grifos meus)

É com base no meu biolocus espaço-temporal aportado no epicentro da comemoração do centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 e, por extensão, das querelas da crítica que tal inscrição me impõe, que escre(vi)vo este texto atravessado por uma opção eminentemente descolonial. Em outras palavras, penso, dialogo e teorizo pela conjunção entre as minhas sensibilidades biográficas (*bios*) e histórias locais (locus) de pesquisador crítico biográfico fronteiriço calcado nas reflexões descoloniais e pós-abissais a partir dos trópicos da fronteira-sul geostórica e epistemológica de Campo Grande no intento de conceituar o que chamei, na esteira de Silviano Santiago, de Brasil do pretérito imperfeito. Dessa feita, há um lastro *outro* em meu discurso que me direciona para a condição de autorreflexividade (SANTOS, 2010b) situada sempre ao Sul, isto é, *naquilo tudo* que foi apagado, invisibilizado, expurgado ou até mesmo ignorado pelo projeto pseudo-universal da modernidade/colonialidade através da insígnia de exterioridade.

Por isso, só posso estabelecer uma relação teórica com o modernismo, se for intermediada não por mais uma revisitação crítica, à maneira que o centenário modernista parece ter convocado, mas, sim, enquanto condição *sine qua non* de uma perspectiva descolonial, pela *práxis* autorreflexiva do des-pensar (SANTOS, 2019) pós-abissal descortinada por Boaventura de Sousa Santos e, pela aproximação estabelecida aqui por mim, levada à exaustão por Walter Mignolo pelo crivo das opções descoloniais de aprender a desaprender para re-aprender (MIGNOLO, 2008). No plano do atravessamento de Silviano Santiago, só me resta concordar com o mineiro na epígrafe citada quando afirma que *agora o modernismo é um fogo que esquentava a panela* e não mais uma "força fatal" tal qual a expressão de Mário de Andrade.

E por uma justificativa muito simples, se há quarenta anos Silviano sinalizou as contradições intrínsecas ao movimento modernista, hoje, no ápice do seu centenário, tais dissonâncias nos tomam e são passíveis de serem des-pensadas através de uma epistemologia *outra*, não-moderna aos modernistas e seus templários. Não apenas pelo distanciamento temporal, mas, primordialmente, pela chancela das opções descoloniais (MIGNOLO, 2008) que grassam das exterioridades, ainda que dessa premissa a crítica literário-artística brasileira pareça não compactuar, dado que insiste em perpetuar, com raras exceções, o coro uníssono e quase sacro do modernismo enquanto emancipação nacional, mesmo que essa suposta *brasilidade* tenha se perfilado pelo flerte vanguardista

com a modernidade/colonialidade eurocêntrica. Nesse viés, Gilberto Mendonça Teles pontua:

[...] [Mário de Andrade] admite a influência das teorias futuristas. *Mas o espírito modernista e suas modas foram diretamente importados da Europa.* [...] O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética, a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional. (TELES, 1983, p. 310, grifos meus)

Diante da citação reproduzida, pontuo que não barganho com a modernidade/colonialidade, tampouco com seus pós e filhos diletos modernistas. Não endosso o coro dos uníssonos justamente por entrever, pela égide da descolonialidade, as múltiplas exterioridades que suas *práxis* criam e perpetuam nos âmbitos literários, artísticos, culturais, sociais, políticos etc. há séculos. Partindo desse introito, faz-se impossível que eu me debruce sobre o modernismo sem me voltar para minha formação escolar, especialmente no âmbito das artes e da literatura. Em idade colegial, ensinaram-me que o movimento de 1922 fora revolucionário, pois seus agentes impulsionadores angariavam construir uma identidade nacional através da ruptura com os “passadistas”, ou seja, os parnasianos exponenciados pela figura de Olavo Bilac. Ao fazê-lo, embeberam-se da condição de *brasilidade* intermediada pela configuração de uma *língua brasileira* orientadora dos novos paradigmas estéticos de liberdade literária em relação às formas estáveis em vigor.

Aliando isso ao campo semântico criado por meus professores escolares em relação ao modernismo, sobressaem-se em minha memória termos como inovação, ruptura, revolução, liberdade, vanguarda, manifesto, revistas, modernidade, progresso, velocidade, nacionalismo, emancipação, dentre muitos outros os quais eu poderia aqui arrolar. Contudo, passados sete anos desde a formação escolar, consigo entrever a necessidade de, na maturidade provida pela idade adulta e pela visada *outra* das opções descoloniais, voltar-me para minha formação e questioná-la. De alguma forma, este trabalho se situa justamente nesse lugar, no da autorreflexividade em relação a des-aprender (SANTOS, 2019) e re-aprender (MIGNOLO, 2008) *muito do que aprendi e, sobretudo, o que me ensinaram sobre como aprender* (SANTOS, 2019, p. 225), para utilizar os termos de Boaventura de Sousa Santos. Entremeadado pelos termos semânticos comuns expostos, não só aprendi a face primária e comum do modernismo, como a ensinei na função de professor em cursinho pré-vestibular replicando à exaustão a

premissa de que o movimento, de alguma forma, deu conta de “resolver” o problema da dependência cultural do/no Brasil.

Ledo engano justificado pela imaturidade etária e epistemológica, não me julgo nesse sentido por entender que no momento citado eu só tinha condições críticas de chegar naquele ponto de construção teórica. Avanço-a, agora, portanto, indo além dos seus próprios limites internos ao extrapolar até mesmo as reflexões não-desprendidas do mineiro. Se, em 1982, na primeira edição do texto, Silvano fechou-se para balanço realizando uma revisitação do modernismo, ainda que apontando suas contradições, volto-me para a possibilidade de abrir o des-balanço através da crítica biográfica fronteiriça no intuito de teorizar a ideia de que o modernismo endossou o corolário de um Brasil ainda do pretérito imperfeito justamente por não conseguir, e até mesmo replicar, o vínculo placentário com o europeu ignorando as diferenças coloniais que a modernidade/colonialidade por aqui cravou e continua, cem anos depois, aprofundando nos mais diversos contextos. Exemplarmente, no bojo de uma produção não-desprendida do vínculo com o europeu, em “Arte Moderna I”, Mário de Andrade afirma: “Desejamos apenas ser atuais. Atuais de França e Itália como da América do Norte e de São Paulo.” (ANDRADE, 2008, p. 37-38), ademais, “Queremos ser atuais, livres de cânones gastos, incapazes de objetivar com exatidão o ímpeto feliz da modernidade.” (ANDRADE, 2008, p. 38).

Nesse intento, o des-pensar é a formulação conceitual guiada pelo pensamento pós-abissal (SANTOS, 2019) a partir do qual lanço luz sobre a minha própria formação de crítico predisposto a pensar de modo *outro*, para além dos gêmeos quase siameses modernidade/colonialidade. Entrevejo que minha formação, aos moldes da maioria dos brasileiros, deu-se pelo crivo das bases e paradigmas das epistemologias do Norte e das suas ciências abissais (SANTOS, 2019), por isso, descolonialmente, inquire-se a necessidade de iniciar minhas reflexões através da minha própria trajetória pessoal a fim de re-aprender muito do que me ensinaram não só sobre as literaturas e as artes, mas, primordialmente, sobre os mundos possíveis (MIGNOLO, 2008). Entretanto, julgo necessário pontuar aqui que des-aprender não pressupõe esquecer (SANTOS, 2019), ignorar ou invisibilizar, à maneira que a modernidade/colonialidade encrustou em nossos corpos, mentes e saberes, mas, sim, *lembrar de um modo diferente* (SANTOS, 2019, p. 225). Ou melhor, retirá-las do lugar de segurança (SANTOS, 2019) e de institucionalização pseudo-universal monotópico o qual sempre ocuparam quase que como lugar de direito.

Fazendo jus ao campo semântico de 1922, ao des-ler e re-aprender o movimento aqui encenado não pela chancela da revisitação crítica, na esteira das reflexões de Boaventura, trago ao plano da discussão o ensejo de pensar não em teorias de vanguarda (SANTOS, 2010a), mas, sim, de retaguarda (SANTOS, 2010a). Isso implica evocar teorizações que, prezando por opções descoloniais, trazem à tona *os trabalhos transformadores dos movimentos sociais questionando e comparando, sincrônica e diacronicamente, os campos simbólicos de suas articulações* (SANTOS, 2010a, p. 19) nas artes e literaturas, em especial, no Brasil.

Nesse cenário, os paradigmas são retirados do lugar de legitimidade epistêmica (MIGNOLO, 2017) se transformando unicamente em outras eleições teóricas existentes. De maneira contrária aos ideais modernistas, a opção descolonial pressupõe a ideia de que *precisamos nos naturalizar ao invés de nos modernizar* (MIGNOLO, 2017, p. 26), isso implica a compreensão de que a modernidade seria apenas mais uma opção e não o prosseguimento natural do tempo (MIGNOLO, 2017), tal qual ensinaram-nos. Ademais, salienta-se, ainda, que a opção descolonial não se dá unicamente pela égide da epistemologia, de modo pluriversal à separação sujeito/objeto apregoada no pensamento moderno/colonial, caracteriza-se enquanto uma escolha de vida (MIGNOLO, 2017) do pesquisador aquilatada pelo pensar e fazer descoloniais. No que convém a mim, pelo atravessamento do meu corpo da/na fronteira-sul a partir da qual escre(vi)vo *pari passu* ao exercício pós-abissal de des-ler minha própria formação.

Contudo, julgo importante salientar que as reflexões *outras* descortinadas, em especial, no âmbito do modernismo, só são realizáveis hoje pelo advento das teorizações descoloniais emergidas a partir dos arrabaldes fronteiriços, ou seja, do Sul global introjetado em nossas sensibilidades e histórias locais de pesquisadores não-modernos respaldados por uma opção eminentemente descolonial. Somado a isso, na égide do meu des-pensar, implica-se o distanciamento temporal de cem anos das produções modernistas e o *insight outro* projetado a lume da minha consciência epistêmica fronteiriça em virtude da comemoração do centenário da Semana de 22 povoada de revisitações críticas que acabam por endossar mais do mesmo no bojo da razão moderna responsável por orientar os paradigmas artísticos, literários, estéticos e conceituais do movimento aqui trabalhado. A fim de não recair na lógica do mesmo, questiono, para além de Silviano em 1985, *qual é a permanência do discurso da tradição do modernismo hoje?* (SANTIAGO, 2002b, p. 108). Ademais, *como julgamos a tradição quando falamos do modernismo brasileiro?* (SANTIAGO, 2002b, p. 120).

Para o mineiro, naquele momento, a questão estava centrada justamente na leitura pautada pela estética da ruptura (SANTIAGO, 2002b) atribuída ao modernismo de São Paulo. Nessa esfera, as revisões realizadas se alimentaram do *make-it-new* (SANTIAGO, 2002b), o novo pelo novo, calcando em 1972 a releitura do modernismo, segundo Silvano, pelo viés dadá (SANTIAGO, 2002b), o que *a posteriori* se transformaria em uma perspectiva menos inocente a qual se predisporia a questionar os pilares da modernidade (SANTIAGO, 2002b). À maneira que se delineia na fala de Italo Moriconi em entrevista intitulada “100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922” (2022), tais perspectivas menos inocentes direcionadas a questionar os pilares da modernidade não se concretizaram através de uma perspectiva *outra*, não-moderna, do que o intelectual alimenta a ideia de que *na versão do modernismo, a modernidade era profundamente nacional* (MORICONI, 2022, s/p). Ainda, afirma que:

O modernismo criou o conceito e a prática do moderno no Brasil. A maneira como o Brasil cultural e artístico se vê a si próprio, ao longo de todo o século passado, desde a Semana de 1922, foi moldada pelo modernismo. [...] *Vale enfatizar que a modernidade na versão do modernismo brasileiro é uma modernidade profundamente nacional.* (MORICONI, 2022, s/p, grifos meus)

Em somatória ao fragmento citado, Italo Moriconi explicita ainda que o modernismo de 1922 se tornou não só a cultura oficial do Brasil (como se por essas terras situadas nos trópicos do Sul global só existisse São Paulo enquanto legítimo e relevante para o país), mas das universidades, uma vez que a fundação da USP em 1930 fora, em parte, consequência do movimento (MORICONI, 2022). O pesquisador finaliza sua revisitação defendendo que os modernistas eram intelectuais redescobrimo o Brasil ao mesmo tempo em que aposentavam os pontos de vistas oitocentistas. Hoje, pluriversalmente, Italo Moriconi assevera que o fenômeno em questão se dá pelo crivo das próprias classes marginalizadas falando por si mesmas e não sendo “representadas” por poetas brancos que interpolavam suas vozes para falar por outrem, como mencionado a exemplo na entrevista, do “índio” dizendo sobre si mesmo (MORICONI, 2022).

Isso posto, aquilatado nas opções descoloniais a fim de escre(vi)ver com base nas fronteiras que atravessam não só meu pensamento, mas meu corpo, sensibilidades biográficas e histórias locais de gente que pensa do outro lado da borda, só posso, como condição *sine qua non* de uma perspectiva *outra*, problematizar e des-ler boa parte do discurso do referido intelectual. Ainda que não aportado em uma visada epistemológica descolonial, Ruy Castro, também em 2022, explicita que “A Semana de Arte Moderna

não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi.” (CASTRO, 2022, s/p). Nesse preciso sentido, sem recair nas querelas da crítica ressurgidas no centenário acerca do embate Rio de Janeiro *versus* São Paulo no plano da modernização, entendo que o modernismo acabou por endossar duplamente a lógica da modernidade/colonialidade na tentativa de elucubrar uma emancipação nacional pautada na estética da ruptura, do *make-it-new* e do novo pelo novo (SANTIAGO, 2002b).

Da forma como afirmou Ruy Castro, a Semana de 1922, enquanto expoente do movimento paulista, serviu de espaço para que Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida etc. se “atualizassem”, para Castro, a capital carioca não precisava passar por tal processo (CASTRO, 2022). Com isso, minha problematização de des-leitura, situada no seio das opções de descoloniais, extrapola qualquer limite egocentrado do ringue de batalha brasileiro entre aqueles que querem requirir para si a primigenia da modernização. Independentemente de onde emergiu a primeira faísca do *make-it-new*, a questão que se coloca em cena é justamente o endosso à razão e aos paradigmas da modernidade, sendo essa, de um viés descolonial, o outro lado da colonialidade – a relação aposta foi ignorada não só pelos modernistas “redescobrimo” as fronteiras do seu próprio país, mas, em maior grau, pela crítica brasileira que insiste em desconsiderar a questão da colonialidade do/no modernismo em suas revisitações.

Assim, Ruy Castro é pertinente à des-leitura efetuada por mim quando explicita que *a ideia de que o evento de 1922 veio a nos salvar não é verdade* (CASTRO, 2022, s/p). E por justificativas que se seguem: o fato de o modernismo ter desconsiderado não só a América Latina, as fronteiras do país e o que se produzia nesses *loci*, como também por se valer de uma perspectiva eminentemente moderna/colonial para tentar emancipar nossos problemas de colonizados não através de nossos próprios corpos e pensamentos de *anthropos*, mas, sim, pela lógica do si-mesmo *humanitas* sobrepondo suas vozes de homens, brancos, dotados de privilégios econômicos e pertencentes a uma determinada elite intelectual e artística sobre os reais marginalizados. Ou seja, não houve desobediência epistêmica ou desprendimento com o vínculo placentário eurocêntrico, pelo contrário, realizou-se uma dupla retroalimentação moderna/colonial: primeiro, pelos próprios artistas e escritores do movimento, segundo, e do meu ponto de vista, mais problemático, pela crítica que nesses cem anos continua, em grande parte, por projetar no modernismo a suposta “sacralidade salvífica” da dita “benesse modernizatória” não só em São Paulo, mas no Brasil.

Ademais, no bojo do que elenquei sobre o modernismo ignorar as fronteiras do país, Ruy Castro conclama que *ninguém fora de São Paulo tomou conhecimento da*

Semana de 22 na época, ela foi importante ali onde imperava o parnasianismo (CASTRO, 2022, s/p). Já Silvano, em “Fechado para balanço” (1985), pontua que José Lins do Rego traduziu o pensamento generalizado entre um grupo de intelectuais: “Para nós do Recife, essa ‘Semana de Arte Moderna’ não existiu” (REGO *apud* SANTIAGO, 2002a, p. 87). Diante do exposto, questiono: como o modernismo e, por extensão, a crítica literário-artística que a partir dele emergiu, deram conta de emancipar o Brasil ou mesmo lidar com a dependência cultural se, até hoje, transpassados cem anos de sua Semana, ainda persistem os nós da matriz colonial de poder? De que forma se faz possível elucubrar e endossar uma modernidade nacional (MORICONI, 2022) por essas terras centro-metropolitanas e fronteiriças sem sequer considerar uma teorização de matiz descolonizado no bojo da formulação conceitual? São questões que me tomam de sobressalto ao des-ler minha própria formação de leitor e pesquisador aportado na visada *outra* das opções descoloniais, não faço *mea culpa* nesse intento.

Então, o que se coloca em primazia no meu discurso de des-leitura se dá tanto sobre como os modernistas conseguiram ou não enxergar e lidar com a colonialidade imperante no Brasil quanto à forma que a crítica revisitou a-criticamente esse fato, desprezando-o por ignorância conceitual, tendo em vista seu flerte constante com a modernidade e seus pós. Sendo assim, um dos pontos fulcrais das minhas reflexões se situa justamente naquilo que Homero Senna explicitou aferindo que os modernistas brasileiros *traçaram linhas divisórias rígidas, mas arbitrárias, entre o bom o mau, querendo destruir tudo que ficara para trás e condenando, por extensão, muito do que deveria ser salvo* (SENNA *apud* CARDOSO; SOUZA, 2014, p. 22). A esse fato, correlaciono a visada pós-abissal de Boaventura quando descortina a força motriz do pensamento moderno ocidental dualista de se construir com base em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que essas fundamentam aquelas (SANTOS, 2010b).

Em outras palavras e, por fim, a modernidade/colonialidade delinea fronteiras passíveis de definirem espaços de existência e legitimidade (SANTOS, 2010b), o que se situa além desses limites desaparece enquanto realidade simultânea e contemporânea possível sendo relegado à insígnia do outro (SANTOS, 2010b). Logo, a centralidade de um pensamento de cunho abissal é justamente a impossibilidade de co-presença entre ambos os lados das linhas previamente estabelecidas (SANTOS, 2010b), há que se prevalecer um dos binôminos enquanto realidade possível para que o outro se dissipe quase que completamente sequer enquanto opção (SANTOS, 2010b). É a partir disso, da problematização do pensamento binário, criador e ao mesmo tempo excludente do

que é possível ou não, que as opções descoloniais emergem à luz dos pensamentos e dos corpos atravessados nas fronteiras contrapostos aos supostos ideais de modernização, emancipação, independência e ruptura do modernismo.

Referências

ANDRADE, Mário de. Arte Moderna I: terno idílio. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (org.). **22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista pelos seus contemporâneos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 37-38.

CARDOSO, Marília Rothier; SOUZA, Eneida Maria de. **Modernidade toda prosa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

CASTRO, Ruy. Semana de 22 não foi feita para atualizar o Brasil como dizem que foi, diz Ruy Castro. 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/semana-de-22-nao-foi-feita-para-atualizar-o-brasil-como-dizem-que-foi-diz-ruy-castro/>>. Acesso em: 02 jan. 2023.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2023.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. 2017. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>>. Acesso em: 02 jan. 2023.

MORICONI, Italo. 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922: um novo olhar sobre o movimento. 2022. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/diversao-e-arte/2022/02/4982712-100-anos-da-semana-de-arte-moderna-de-1922-um-novo-olhar-sobre-o-movimento.html>>. Acesso em: 02 jan. 2023.

SANTIAGO, Silviano. Fechado para balanço. In: SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002a, p. 85-107.

SANTIAGO, Silviano. A permanência do discurso da tradição no modernismo. In: SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002b, p. 108-144.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Descolonizar el saber, reinventar el poder.** Montivideo: Ediciones Trilce, 2010a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010b, p. 31-83.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo:** a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro:** apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.